



»Entrevista | INGRID BETANCOURT

Quase 20 anos após ser capturada pelas Farc, ex-senadora fala sobre pré-candidatura à Presidência

"A corrupção sequestrou a Colômbia"

» RODRIGO CRAVEIRO

Daqui a 17 dias, completam-se duas décadas do sequestro da então senadora franco-colombiana Ingrid Betancourt. No caminho da região de San Vicente del Caguán, homens da Coluna Móvel Teófilo Forero das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) interceptaram o carro que levava a política, em 23 de fevereiro de 2002. Ingrid e sua assessora Clara Rojas foram tomadas como reféns pelos rebeldes. Durante seis anos, permaneceram em poder da guerrilha até o resgate, em 2 de julho de 2008. Aos 60 anos, Ingrid está pronta para retornar à vida política. Ela aspira ao cargo de presidente da República, nas eleições de 29 de maio. Dois meses antes, o nome da pré-candidata à Casa

de Nariño, sede do Executivo, será submetido a uma consulta para validação. No último sábado, Ingrid abandonou a coalizão de partidos de centro denominada Centro Esperanza, depois de cobrar compromissos contra a corrupção, e decidiu que seguirá na disputa por seu partido, o Verde Oxígeno. Ingrid disse à mídia internacional que não compreendeu o motivo pelo qual os integrantes da coalizão não respeitaram os princípios pactuados. “Eu demorei 20 segundos para tomar essa decisão. Não voltei à Colômbia para ser complacente com a corrupção”, explicou. Na entrevista a seguir ao **Correio**, Ingrid aborda a corrupção, o tempo no cativeiro, a paz na Colômbia, os planos para o país e a ameaça representada pelas dissidências das guerrilhas.

RAUL ARBOLEDA



A Colômbia é um paraíso, mas a transformaram em um inferno. Quero voltar a encontrar o paraíso"

adiante os programas e projetos que tenho. Quero que os defeitos que eu possa ter sejam uma força que me permita lutar contra a corrupção que acabou com o país. A Colômbia é um paraíso, mas a transformaram em um inferno. Quero voltar a encontrar o paraíso.

De que modo a senhora vê a ameaça representada pelas dissidências das Farc e do ELN? Caso eleita, como responderá a essa ameaça?

São ameaças muito graves, porém, bastante diferentes. O ELN é uma guerrilha que, há muitos anos, atua por meio do terrorismo, mas também da corrupção. Penso que o país tem sido muito generoso com o ELN e abriu as portas para uma possível negociação de paz. Terei essas portas abertas por um certo tempo. Eles vão alongar o tempo para se fortalecer militarmente. Quero que entendam que não conseguirão nenhum benefício adicional. Para as dissidências das Farc, as portas estão fechadas. Eles tomaram uma decisão, a de abandonar o processo de paz. Eu os considero como delinquentes, assim como o Clã do Golfo. Elas são organizações com estrutura militar, mas com objetivo criminoso e de narcotráfico. Nós as enfrentaremos com

o peso da lei, mas também teremos uma política de descriminalização da droga. Temos que acabar com esse negócio, com os lucros que lhes dão poder e lhes permitem comprar armas. Creio que essa política terá que ser discutida em âmbito regional. Nesse sentido, o Brasil será muito importante nessa negociação. Também teremos que fazer isso com os EUA, de modo que, em nosso continente, a droga nada represente em termos econômicos e possamos dismantelar essas organizações criminosas.

A Colômbia conseguiu alcançar a paz com a assinatura do acordo das Farc? Ou ela ainda é uma meta?

A paz da Colômbia não é a assinatura de um papel. É um projeto de vida. É uma construção geracional. Estamos consolidando esse projeto entre todos os colombianos. Temos instituições que nos enquadram nesse processo, como a JEP (Jurisdição Especial para a Paz) e a Comissão da Verdade. Obviamente, temos que fortalecer o processo e garantir a vida de desmobilizados que estão sendo assassinados por forças obscuras. Precisamos de reforçar o processo de paz, com a implementação e a aceleração dessa implementação.

Como a senhora pretende trabalhar a questão da compensação financeira para familiares e ex-reféns das Farc?

A reparação das famílias vítimas pelas Farc tem que ser feita pela perseguição às redes criminosas do narcotráfico e pela constituição de um fundo proveniente dessas entidades. Isso permitirá reparar as vítimas, por meio de processos judiciais, por meio dos quais a Justiça analisará caso a caso e avaliará o dano feito a cada uma das vítimas.

A senhora está disposta a negociar apoio dos integrantes das Farc no Congresso ou pretende se distanciar do partido criado pela guerrilha?

Meu governo buscará uma governabilidade de outro tipo. Nós não vamos nos reger pelas ideologias. Proponho uma moratória de um ano a esses enfrentamentos ideológicos. A ideia é me aproximar de todos os partidos, de esquerda, de direita, de centro. O que os aproximará do governo será a vontade de lutar contra a corrupção. Nesses partidos, haverá aqueles que se sentem cómodos em lutar contra a corrupção. Mas haverá outros membros corruptos desses partidos que se colocam contra as reformas que faremos. Isso permitirá ao país ver claramente quem está a favor e quem está contra a corrupção.

Quais suas prioridades, caso seja eleita presidente da Colômbia?

Como primeira mulher eleita à Presidência da Colômbia, em primeiro lugar, acabarei com a corrupção. Essa é uma tarefa que incumbe às mulheres, pois somos as primeiras vítimas da corrupção. Em segundo lugar, acabar com a fome. A FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) advertiu que, no sistema atual, a corrupção que impera no país faz com que sete milhões de colombianos estejam em risco de enfrentar uma fome em massa. Isso é uma prioridade para o meu governo. Depois, vem a segurança. Os colombianos têm medo de sair de casa. Há gangues em todas as cidades. Em nossas fronteiras, habita o crime organizado. Membros das Farc e dissidências e da ELN se escondem na fronteira venezuelana para ingressarem em nosso território, a fim de perturbar a ordem pública e dinamitar o nosso direito à paz. Nós somos uma opção verde, e quero que a Colômbia seja o primeiro país verde (ecológico) da região. Um desafio que penso caberia ao Brasil, ante a dimensão da Amazônia. Vocês deixaram passar essa oportunidade de liderança e a Colômbia a tomará.

TRAGÉDIA

Reprodução



Resgate do menino de 5 anos mobilizou todo o mundo

Menino Rayan morre no Marrocos

» MICHEL MEDEIROS
ESPECIAL PARA O CORREIO

Após cinco dias, o menino Rayan Awram, de 5 anos, foi retirado do poço com 32 metros de profundidade, onde caiu enquanto brincava na terça-feira, 1º, no Marrocos. Apesar dos esforços de centenas de socorristas, a criança não resistiu aos ferimentos e faleceu.

O anúncio foi feito pelo gabinete real do Marrocos. “Após o acidente trágico que custou a vida do menino Rayan Awram, Sua Majestade, o rei Mohamed VI, contactou os pais da criança”, diz o comunicado.

O resgate, que começou na quarta-feira, 2, um dia após a queda, durou quatro dias e exigiu uma grande operação devido à instabilidade do terreno. As equipes tiveram que cavar um túnel paralelo ao poço, que foi reforçado com uma estrutura de aço para evitar desmoronamento. Após atingir a mesma profundidade (equivalente a um edifício de 10 andares), foi cavado um acesso horizontal com três metros de extensão para chegar até a criança.

O túnel de acesso foi aberto manualmente, minimizando os riscos de desabamento. Durante os quatro dias de operação, Rayan recebeu água, comida e oxigênio por meio da pequena abertura na superfície.

A operação foi acompanhada de perto pelos pais do garoto e por milhares de pessoas que se dirigiram até o local do acidente para manifestar solidariedade à família. A operação ganhou destaque na imprensa internacional.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

NEGÓCIOS DE INVERNO NA CHINA

A virada de ano para o calendário agrícola chinês ocorreu em 1º de fevereiro. A data, que passa batido por aqui, é uma das mais celebradas do ano em boa parte do leste e sudeste asiáticos. Este é o ano do tigre iniciado no mês do tigre. E, em meio às celebrações, começaram, em Pequim, os Jogos Olímpicos de Inverno, evento esportivo que é o favorito entre as partes mais nevadas do mundo. Bobsled, Curling, Luge, Skeleton, modalidades presentes nos jogos, são populares na Noruega e no Canadá, onde as crianças crescem brincando na neve. É a segunda vez em menos de 15 anos que Pequim sedia jogos olímpicos. Um feito e tanto,

carregado de simbolismos. Em 2008, sediou os jogos de verão e, agora, os de inverno, tornando-se a primeira cidade do mundo a ter sediado ambas as competições. Para além da logística, as autoridades procuraram acenar a força da capital, ao promovê-la como sede de um evento que não é possível acontecer totalmente numa cidade tão plana. Esquiar mesmo, em montanha, acontece a uns 100 quilômetros ao norte, por volta de onde passa a Grande Muralha. É um lugar lindo, onde os chineses construíram resorts que funcionam à base de neve artificial. Isso porque, apesar dos invernos serem rigorosos em Pequim — e de se sentir mais frio

ali do que nos Alpes e no Colorado, onde estão as estações de esquí mais badaladas do mundo —, nevar mesmo não é garantido. Mas a China encontrou a fórmula para fazer acontecer. Se há empreendimento, existe financiamento. Aprendeu com a mentalidade dos países da OCDE de que as coisas têm menos mistério do que parece. São interesses pragmáticos de grupos mundiais poderosos que conduzem a abertura e o fechamento de oportunidades. O Partido Comunista Chinês extrai toda sua legitimidade da competência com que negocia e conduz o enriquecimento dos chineses. Organizar eventos como as olimpíadas serve para demonstração interna de competência e ajuda a colocar um monte de projetos para rodar. Tem pressa e faz isso com mil e uma frentes de trabalho, porque, afinal, precisa melhorar as condições de 1,4 bilhão de pessoas. Hoje, a posição de superpotência da China já está tão

naturalizada que, às vezes, nos esquecemos de que, nas Olimpíadas de 2008, o governo buscava demonstrar aos chineses que o bem-estar material e a posição do país no mundo estavam melhorando a passos largos. Em termos de PIB per capita, a China só ficou mais rica do que o Brasil de 2018 para cá. E a discrepância na paridade do poder de compra não é gigantesca, de cerca de US\$ 2,5 mil por pessoa. A diferença é que eles passaram correndo pela gente em 2018 e seguem em disparada, com um modelo de desenvolvimento que tem coerência interna e posição bem ajustada no mundo. As polêmicas com os EUA até oferecem sustentação para o argumento de Xi Jinping de que o partido precisa fechar com ele para um terceiro mandato. A ausência de líderes europeus e norte-americanos em Pequim é um boicote tolo e errado, pois não muda o cálculo chinês e ainda reforça o diagnóstico sobre os

benefícios de uma parceria preferencial com Moscou. A diplomacia segue falhando no mundo. Com os esportes de inverno, mais do que ganhar medalhas, buscamos mesmo fomentar uma nova indústria de lazer para servir sua classe média emergente. Os chineses são ótimos nos esportes de precisão, mas há uma percepção de que é preciso priorizar outras funções sociais e econômicas do esporte que não apenas a competitividade. Isso vem com outras mudanças no planejamento social. A China já provou que sua sociedade pode produzir medalhas de ouro em educação, esportes e outras competições. O governo deseja mudar o foco para uma vida em que o lúdico tire um pouco da obsessão com o resultado objetivo. Em 2016, abandonaram a política do filho único, autorizando dois e, já em 2021, passaram para três. Agora, o governo decidiu regular até o dever de casa, limitando o tempo que a

criança passa estudando fora da escola. Sendo assim, a promoção dos Jogos Olímpicos de Inverno entrou na estratégia de se usar mais esportes também para lazer. E, claro, para girar a economia e mostrar a competência da autoridade central. Apesar do calendário gregoriano que adotamos ser usado na China desde o início do século 20, seu velho calendário agrícola é mantido para celebrações culturais. O gregoriano ajuda a assimilar o mundo e é onde estão marcadas as datas cívicas que celebram o papel modernizador do Estado. Mas as celebrações culturais voltam a ganhar espaço nessa China burguesa ainda cheia de trabalhadores para melhor incluir. E esquiando, busca-se preencher com alguma alma os vazios da eficiência. Seguem abertos os vazios da diplomacia pouco criativa e pouco pacifista.

PAULO DELGADO, sociólogo